Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O Aprendiz de Feiticeiro

O Aprendiz de Feiticeiro

Numa grande ilha do Oceano Pacifico vivem todos os magos do mundo, a dali lançam sobre os habitantes do terra toda a sua mágica, boa ou má. No meio deles vivia; há muito tempo, o mago Bialo, que era muito bom para os homens. Ele nunca usou seus poderes sobrenaturais para fazer o mal ou causar sofrimentos em ninguém. Só empregava a sua sabedoria para o bem dos entes humanos.

Os outros habitantes do ilha mágica, as duendes, anões a bruxas, o odiavam a queriam acabar com ele. Bialo não lhes dava a menor atenção e continuava oferecendo alegrias a bênçãos.

Numa tempestuosa noite de inverno, seus inimigos se reuniram no cratera de um vulcão extinto e resolveram motor Bialo.

Prometeram não descansar enquanto não acabassem com o bondoso mago.

Um espirito que servia a Bialo, ouviu a conspiração a foi correndo levar a seu amo a terrível mensagem.

Então o mago decidiu ir para a terra
dos seres humanos a ali permanecer com eles.
Estava certo de que assim não seria atingido pela vingança dos maus ilhéus.

Servindo-se das asas de sua capa mágica, atravessou o Oceano.

Quando a murmúrio do vento entre as árvores lhe indicou que estava em terra seca, desceu a se encontrou no entrada de um bosque.

Pegou seu caracol mágico e o levou ao ouvido.
Dentro dele escutou um rugido distante, a compreendeu imediatamente que seus inimigos o perseguiam.

Entrou então no bosque, chegando a cabana de um pobre carvoeiro. Entrou a pediu alojamento ao carvoeiro, que vivia pacificamente com seu filho Holgar.

- Se o senhor ficar no minha cabana, será descoberto - disse o carvoeiro. -

Vamos sair, que eu o esconderei no depósito de carvão.

0 mago o seguiu. 0 carvoeiro amontoou troncos a ramos, como se faz para preparar carvão do madeiro, a dentro escondeu Bialo. O fogo ardia em cima daquilo, mas o mago estava bem protegido e não se queimou nem um pouquinho.

Quando chegou o bando dos ferozes perseguidores, a cabana foi revisto da, mas não encontraram o odiado inimigo. E embora vissem o depósito de carvão, não desconfiaram que ali dentro pudesse estar uma criatura viva. Seguiram, então, seu caminho, a Bialo se salvou.

No dia seguinte o mago se despediu com carinho de seu protetor, a afagou os cabelos crespos de Holgar, dizendo:

- Quando cresceres, garoto, vai ter comigo, e te pagarei o favor que teu pai me fez. Ws aquela alto montanha? Lá me instalarei a continuarei a fazer o bem aos homens.

Holgar nunca esqueceu isto. Depois que cresceu a ficou forte, anunciou ao pai que queria ir visitar o mago.

- O que lhe pedirás? - perguntou o carvoeiro.

- Que me ensine a ser mago tombem - respondeu o jovem.

Logo a seguir pegou seu chapéu, seu bastão, e se foi.

Não tardou a chegar ao sopé do montanha. Foi subindo pelas suas faldas, ate chegar a entrada de uma gruta. lá chamar, quando a porta se abriu sozinha.

Holgar entrou no refugio, que estava mobiliado de modo bem estranho. No centro via-se uma mesa feita com a vértebra de uma baleia, a defronte dela duos cadeiras fabricadas com presas de elefante. No chão estavam frascos a copos de cristal, cheios de líquidos de diversas cores. A um canto ardia um alegre fogo, sabre o qual fervia o conteúdo de umas chaleiras pretas. Em outro canto, amontoados, grandes volumes, a do teto pendia uma enorme ametista, que iluminava magicamente a gruta.

O jovem olhou assombrado a sua volta, a de repente Bialo surgiu diante dele como se tivesse saído do terra. Sua barba estava inteiramente branca, a seu olhar alegre a amistoso.

- Eu te esperava, rapaz - disse ele. - Fala-me o que desejas.

- Eu queria aprender a arte do magico.

O mago ficou muito sério a perguntou:

- Para que queres a magia? Para o bem ou pare o mal? Desejas poder ou felicidade?

O rapaz não vacilou nem um segundo, a com os olhos brilhantes respondeu:

- Só quero fazer o bem, querido mestre, e tornar todo o mundo feliz.

- E tu, não queres ser feliz?

Holgar abaixou a cabeça a calou-se. Bialo prosseguiu

- Ser feliz a fazer os outros felizes, são as melhores aspirações do homem. Mas Lembra-te de que o poder causa certa sensação, embora não alegre o coração. Agora segue-me, meu filho, a poderás escolher tua tristeza ou tua alegria.
Levou-o a um compartimento próximo, onde só havia uma tosca mesa de carvalho. Nela se viam duas caixinhas. Uma era de ouro, a outra de prata.

O mago abriu o de auto, a dentro dela Holgar viu três pasteizinhos em forma de coração, descansando sobre uma almofado de veludo vermelho. Nelas se liam estas palavras: "Riqueza", "Poder", "Grandeza".

Depois o mago abriu o caixa de prata, e sobre o veludo azul apareceram três pasteizinhos em forma de coração, tendo par cimo estas palavras: "Paciência", "Bondade", "Bravura".

- Escolhe, Holgar. Os três pastéis do caixa de ouro dão um poder mágico que representa um domínio total sabre os entes humanos. Se comeres o pastel de "Riqueza", conquistarás codas os tesouros do mundo. Poderás transformar em auto a pedras preciosas tudo quanta tocares. O pastel do "Poder" te permitirá transformar em animais os homens a em homens as animais. E com o do "Grandeza" poderás ser o major de todos. Se escolheres a caixa

de auto, coda o ilimitado mundo do mágica será teu.

“Em compensação, a caixa de prata te levará ao fim de codas os teus desejos, mas o caminho é muito mais longo a mais difícil. Também te dará o poder de magia, porem a mágica será mais terrena, e te verás preso as leis do natureza. No entanto, o que perderes em poder direto, ganharás em felicidade. Escolhe!
Holgar não hesitou.

- Se a caixa de Prata me dá o poder do mágica além disco o felicidade, eu o escolherei! Não me dão medo as dificuldades nem os sofrimentos.

- Tens razão, meu filho - sorriu o mago, oferecendo a Holgar a caixinha de prata. - Nunca te queixarás da tua escolha.

Seguindo as indicações de Bialo, o jovem comeu as pasteis.
Súbito sentiu-se assaltado par um profundo sono, ao despertar, depois de muitos horas, viu-se a entrada do gruta, estando sentado junta dele o seu mestre, que lhe sorria bondosamente.

O rapaz se pós em pé de um salto.

- Agora vou começar a utilizar a minha mágica - disse.

- O que desejas? - perguntou Bialo, muito sério.

Holgar volveu os olhos sobre a terra, a só viu pântanos a terrenos desertos.

- A terra precise produzir frutos - disse Ale. - Dela devem brotar o trigo e o milho, a árvores frutíferas, a vinhas transbordantes de uvas. Tenho poder para fazer isto?

- Sem duvida! - replicou o velho. - Lembra-to de que possuis a paciência.. .

Imediatamente o mago pegou picaretas, enxadas a pás, a os dais começaram o lavrar o terra, destruindo as ervas daninhos.

Depois que o solo ficou limpo, o fertilizaram e semearam.

Dali a pouco tempo começaram a brotar as plantas, a par fim chegou o tempo do colheita.

As espigas, carregadas de frutos, se inclinavam para o chão, e as vinhas com seus grandes cachos, cantavam:

“Não nos deixeis mais esperar,
e hora de irmos para lagar;
com energia a com carinho
daremos capitoso vinho”.

Holgar ficou extasiado diante de tão lindo

espetáculo, a seu coração se encheu de alegria.

Então o velho mago lhe perguntou:

- Os como são mágicos os resultados do nossa paciência? Estás satisfeito com a tua habilidade, ou desejas fazer novas experiências?

- Eu gostaria de tirar ouro a prata do terra. Posso fazer isto?

- Sem duvida! - respondeu Bialo. - Agora já sobes que com paciência tudo se consegue.

E outra vez começaram a trabalhar com as picaretas a as pás.

Holgar descobriu, com assombro, que no meio do terra havia pepitas de ouro a veios de prata. A seguir as rodas giraram vertiginosas a as máquinas ressoaram no local. Coda vez afundavam mais no terra, no direção do reino do negro carvão. Transportavam a hulha par meio de pequenos vagões e carroças, a depois a levavam para a cidade. A gruta já mal podia conter todas as riquezas que eles ganhavam.
Quando terminou aquele ano, Holgar se viu cercado de ouro a de prata, de roupas luxuosas e todo sorte de bens.

- Tudo isto e o resultado mágico do paciência - disse o mestre. - Tudo te foi dado para ela.

Então o aluno se levantou a disse:

- Ate agora só utilizei a magia para o meu próprio beneficio, mas sinto que me falta conhecer o verdadeiro valor do existência. Gostaria que outros tirassem proveito do meu poder. Posso transformar os entes humanos?

- Sim, podes. A bondade te permite isto. Vai, meu filho, a transforma os pobres em ricos, e torno ditosos os infelizes.

Carregado de ouro, Holgar partiu para o país dos homens a espalhou prodigamente suas riquezas. Então o mundo pareceu transformar-se. Os que ate então tinham caminhado abatidos pelo sofrimento, levantaram a cabeça a sorriram para a felicidade. Outros, cujos rostos haviam sido desfigurados pelas rugas, mostravam uma expressão de grande prazer. Todos irradiavam um entusiasmo que os transformava par completo.

Mas Holgar ainda não estava satisfeito. Viu que seus tesouros não faziam bem aos enfermos, porque não podiam curá-los.

Com os olhos cheios de lágrimas voltou para junto de Bialo.

- Será que o meu poder mágico não vai escolhi mal.. .
mais alem? - se queixou. - Desconfio que eu
Mas o velho sorriu bondosamente.

- A bondade tem muito mais força do que te imaginas. Basta saber empregá-la.

Levou o rapaz ao bosque a aos prados, a lhe ensinou as ervas a as plantas, nos quais existiam substâncias curativas.

Holgar trancou-se noite a dia em seu quarto e ali estudou o poder a as efeitos dos plantas.

Por vezes seu entusiasmo morria a tudo parecia vir abaixo; mas depois a bondade recobrava sua força e o animava a continuar seus estudos.

Uma vez terminado o trabalho, voltou para o meio dos homens a lhes ofereceu suas misturas e seus medicamentos.

Os enfermos ficaram bons a as inválidos tornaram a mover-se. Os fracos recobraram suas energias e a Felicidade reinou no terra.

Holgar viu-se coberto dos bênçãos que brotavam dos 1ábios daqueles que se tornavam sadios, porem os sofrimentos do humanidade não se acabavam. Ao redor do cidade onde vivia Holgar existiam espessos bosques, que abrigavam terríveis tigres, leões, ursos a lobos. Continuamente eles atacavam as pessoas a as faziam em pedaços. Portanto, continuava a existir a dor.

De novo Holgar correu para junto do mestre.

- Sem duvida! - replicou Bialo. - Lembra-te que estás de posse do Bravura! Isto te dará um poder sobrenatural. Acompanha-me ate o ferreiro. Ali faremos uma forte espada a uma afiada longa para o ataque, uma cota de malha a um brilhante escudo de pontas aguçadas para a defeso. Com isso poderás livrar as homens dos seus inimigos.

Dali a pouco a ferraria estremeceu, de tanta martelada, a com o rugido dos labaredas e o sibilo do aço ao ser submergido no água.

Belo como um deus, o rapaz, armada, marchou para o bosque, contra os seus terríveis adversários, a espalhou o terror e o esponto entre files.

A terra coberta de verde se manchou com o sangue dos animais sacrificados. Holgar lutava com eles nos clareiras a depois os perseguia par entre as árvores, ate as suas distantes tocas.

Antes de o verso terminar, havia perecido 0 ultimo inimigo, a os homens puderam respirar tranqüilos.

Quando o aclamavam como seu herói a salvador, sentia-se dominado pela felicidade. Lágrimas de alegria lhe corriam dos olhos, a ele ficava sem saber o que dizer. Teve de utilizar ambas as mãos pare afastar a multidão que o aclamava e que quase o esmagava, de tanto entusiasmo.

De repente soou um clarim e o povo deu passagem

a um cavaleiro, que se dirigia para o lado de Holgar. Quando chegou junto dele, saltou para o chão e, inclinando-se, disse:

- Sou o arauto do nosso amado Rei. Ele teve conhecimento do tua grande bondade, a me enviou para expressar-te a sue gratidão. Ao mesmo tempo pede de ti um serviço que nenhum mortal já foi capaz de realizar. Sua linda filha, a Princesa Amarinta, foi raptada pelo terrível gigante Gordo, e ninguém consegue libertá-la. Os mais nobres cavaleiros foram lutar com o monstro, mas quando se viram diante do assustador animal, perderam a coragem e o gigante os fez em pedaços com seu punho de ferro. Mas tu, benfeitor a salvador do terra, amigo a favorito dos homens, podes vencer. . . Liberta a formosa Princesa, e a mão dela e o trono do Rei serão teus.

- Se a bravura puder fazer isso, creio que vencerei - respondeu valentemente Holgar. - Dói-me passagem, boa gente, que marcharei imediatamente ate o esconderijo daquele que se apoderou de nossa Princesa.

Respeitosamente todos recuaram, a Holgar partiu com posso firme a olhos brilhantes.

Quando chegou a entrada do formidável fortaleza, bateu a porta com o punho de sua espada e desafiou o gigante.

Não tardou a aparecer no umbral uma figura, que só

de vê-la qualquer homem ficaria imóvel de terror.

Mas Holgar estava cheio de bravura a observou o monstro que, tal como uma torre, se erguia diante dele.

Seus punhos a seus pés eram de ferro; no cabeça, que era do tamanho do máquina de um trem, crescia um bosque de cabelos, sendo cada fio do grossura de um arame. No meio da testa tinha só um olho, tão grande que parecia a relógio de uma torre.

Com ruidosa a desdenhosa risada, e com voz de trovão, o gigante exclamou:

- Ah, oh, Ah! Mais um homenzinho que está querendo roubar minha noiva! Vem cá! farei contigo o que fiz com as outros!

Dizendo isto, desenraizou um carvalho que tinha mil anos e o atirou para Holgar. Se este não tivesse saltado para um lado, teria sido completamente amassado. No entanto, a árvore rogou apenas sua lança, que caiu em pedaços ao chão.

Quando o gigante viu que havia errado o golpe, sentiu-se dominado par tremenda fúria. Estendeu a mão de ferro para agarrar o inimigo, e o rapaz o golpeou com sua espada, que saltou, feita em pedaços.

Holgar se viu, assim, desarmado diante do terrível

gigante, mas nem assim pensou em fugir. Cheio de coragem, adiantou-se para o monstro, que rapidamente o agarrou com sua mão de ferro.

- Ah, ah, ah! - o gigante. - Estás preso, homenzinho! Devia reduzir-te a pó, mas como te defendeste tão bem, nem perdeste a coragem, podes respirar uns minutos mais. Vou mostrar-te a minha noiva. E depois, prepara-te para perder a vida.

Seu punho esmurrou a porta como um trovão. E no sacada apareceu uma maga vestida de preto. Era a mais linda que Holgar já tinha vista. Ao observar o prisioneiro do gigante, seus olhos azuis se encheram de lágrimas.

Diante do maravilhosa beleza do jovem, Holgar sentiu-se tomado de nova coragem. Com rapidez se voltou contra o gigante e, com todas as suas forças, fincou a ponta do seu escudo no único olho do monstro.

Um grito tão horrível que interrompeu o vôo dos pássaros a os passos dos animais do selva, fazendo tremer ate as árvores, brotou dos 1ábios do horrível ser.

Holgar caiu ao chão, junto do seu adversário, que se contorcia de dor. Ligeiro, o rapaz levantou uma pesada pedra e a deixou cair sabre a cabeça do inimigo.

Ouviu-se um barulho como se todos as ossos dele se partissem, a depois não se percebeu mais nenhum ruído. A vida de crimes a maldades de Gordo havia terminado.

Cheio de alegria, Holgar subiu a sacada, deu a moo o Princesa a arrebatou-a daquele lugar de pesadelo.

Quando chegou diante do Rei, este desceu de seu trono a abraçou o herói. Depois tirou a reluzente coroa e a colocou nos cabelos ruivos de Holgar, levando-o para junto do bela princesa Amarinta, par entre as aplausos do multidão.

Holgar voltou a cabeça para onde estava Bialo a disse-lhe em voz baixa:

- Mestre, eu lhe agradeço muito. Os presentes que escolhi foram os melhores; superiores em tudo aos outros que o senhor me ofereceu. Eles, como que profetizou, me trouxeram a felicidade. Pode tirá-los agora, já que eu cheguei ao ápice do minha vida, a dá-los a outro que os mereça, a fim de que também Me possa fazer feliz o próximo.

Então Bialo alisou a comprida barba e, sorrindo, disse:

- Guarda-os, meu filho, porque agora precisarás deles mais do que nunca. Vais casar, portanto, necessitas de muita coragem. Com tua esposa viverás uma longa vida; por conseguinte precisarás de paciência. E se quiseres fazê-la feliz, te será

necessária uma grande bondade. Com estas três dádivas, a terra será para ti um jardim mágico, a tua vida e a de tua mulher uma continua primavera, radiante de mágica luz.

FIM